



Revista Portuguesa
de

irurgia

II Série • N.º 7 • Dezembro 2008

Página da S.P.C.

Amadeu Pimenta

Presidente da SPC

30 Anos da Sociedade Portuguesa de Cirurgia: Alocução feita no aniversário da Sociedade pelo seu Presidente, Professor Doutor Amadeu Pimenta

Peter Kernahan, conta-nos um artigo sobre história da medicina intitulado “Muckrakers, Surgeons, and Hospitals, 1890-1920”, que Norman Barnesby alertava, em 1910, no livro “Medical Chaos and Crime que seria fútil tentar estimar o sofrimento causado pela ignorância, pela incompetência, pelo comércio e pela indiferença criminosa daqueles que se auto-proclamam discípulos de Esculápio”. O livro criou como compreendem, agitação, tanto na imprensa médica, como na imprensa leiga, mas procurava chamar a atenção para o que se passava com o exercício da medicina na época.

Como sabemos, foi graças à acção disciplinadora e formativa das Sociedades Médicas que se tornou possível reverter o ambiente que se vivia no princípio do século passado e tornar os cirurgiões em profissionais respeitados, imbuídos de princípios éticos, tecnicamente diferenciados e com formação clínica aliada a sólida e actualizada fundamentação científica.

Por essas razões a actual Direcção da Sociedade Portuguesa de Cirurgia, entendeu que, antes de terminar o ano de 2008, deveríamos comemorar os 30 anos da fundação da nossa Sociedade. É um acontecimento que não tinha sido festejado no decorrer do Congresso deste ano, onde certamente poderia estar presente um número mais significativo de sócios, e, não queríamos, de forma alguma, deixar de celebrar este feito, sempre marcante na vida de uma sociedade científica. Diz Heraclito, que “Não se pode entrar nas mesmas águas de um rio duas vezes, tal como na vida se passa uma oportunidade e não a agarramos não a voltamos a ter”.

A Sociedade Portuguesa de Cirurgia, tem tido uma existência fecunda, pujante e enobrecedora, mas teve uma alvorada, por várias vezes, protelada e algo tormentosa. Conta Joaquim Bastos, no livro “Fragmentos de uma vida”, que “... O problema arrastou-se durante muitos anos. A burocracia, a vaidade e a incompreensão de certos homens levantaram constantes obstáculos à formação daquela Sociedade. Em determinada altura, nomearam-me secretário da Sociedade a constituir. Cedo deparei com dificuldades que não conseguia transpor, razão porque apresentei a minha demissão. Anos mais tarde, a pertinácia de Machado Macedo e de José Manuel Mendes de Almeida conseguiu vencer os obstáculos e criar, ao fim de muitos anos de luta, a indispensável Sociedade.”

Convidámos para nos contar a história da nossa Sociedade e para ajudar a Direcção a elaborar um programa que permitisse comemorar condignamente este acontecimento, um dos fundadores que mais pugnou para que a Sociedade tivesse existência, o Dr. José Manuel Mendes de Almeida. O Dr. Mendes de Almeida tem sido, ao longo destes 30 anos, uma presença constante, empenhada e atenta a tudo o que se relaciona com a Sociedade.



Talvez possamos dizer que Sociedade Portuguesa de Cirurgia e José Manuel Mendes de Almeida são duas figuras indissociáveis. Infelizmente, o Dr. Mendes de Almeida acabou por não poder ter a tranquilidade e disponibilidade necessárias para levar a cabo a tarefa que tinha almejado. Não queremos, no entanto, deixar de aproveitar esta oportunidade para lhe agradecer, publicamente, por tudo quanto fez – e continuará certamente a fazer – em prol da Sociedade Portuguesa de Cirurgia.

Do mesmo modo, ao contrário do que esperávamos, não é possível, hoje, deleitarmo-nos com o saber, a elegância e a riqueza da narrativa do Professor Celestino da Costa, vice-Presidente da 1ª Direcção. Certamente, que a formação poli facetada e o desassombro com que sempre enfrentou os factos eram a garantia da riqueza dos ensinamentos, filtrados numa vivência muito atenta à vida da Sociedade. Era com enorme prazer que gostaríamos de o ter connosco a partilhar estes momentos de júbilo. Aqui manifestamos a nossa gratidão pelo que fez pela Sociedade e pelo modelo de vida que nos tem transmitido como cirurgião, como académico e como homem culto de espírito renascentista.

A tarefa de trazer da memória o passado da Sociedade, ficou a cargo do Professor António Silva Leal, também um dos fundadores e antigo Presidente, ligado por amizade de longa data ao Dr. Mendes de Almeida, o que possibilitou a entejuda na elaboração da escrita. Os agradecimentos muito sinceros da Direcção por ter, prontamente, acedido a participar activamente nestas comemorações. O Prof. Silva Leal, fez-nos a memória da nossa Sociedade, para que a possamos acarinhar dentro de nós e sirva de modelo e incentivo para a nossa vida profissional. A cultura da memória – a não confundir com saudosismo do passado – é, no dizer de Bento Domingues, “...filha da informação e do discernimento e mãe da lucidez”. “A memória não é o território da nostalgia – asilo para as nossas decepções actuais –, mas o espaço onde se elaboram novas possibilidades de vida pessoal e colectiva” Nós precisamos do testemunho que recebemos, das experiências, das convicções e até dos sonhos, fantasias e desilusões dos outros que nos antecederam. Embora, como refere Bento Domingues “... eles não existem para substituir as nossas dúvidas, perplexidades e interrogações. Cada um tem de percorrer o seu próprio caminho”.

Por isso, queríamos deixar, também, a nossa gratidão a todos quantos ao longo destes 30 anos deram, generosamente, o seu contributo para o engrandecimento da Sociedade: elementos da direcção, sócios, cirurgiões e internos não sócios e membros do secretariado. Alguns já faleceram; recordamo-los com saudade e reconhecimento pelos ensinamentos que nos transmitiram e pelo muito que contribuíram para a nossa formação cirúrgica e humana.

Permitam-me que, neste desfiar de contributos para a Sociedade, destaque o nome de Francisco Oliveira Martins. Tive o privilégio de com ele privar, no decorrer do labor de algumas das direcções da Sociedade, e presenciar o exemplo que sempre deu de dedicação, de rigor e de altruísmo. O espírito metódico, abnegado e criativo do Dr. Oliveira Martins muito contribuiu para o salto qualitativo e de crescimento económico verificado nas últimas décadas na nossa Sociedade. Por isso, nunca é demais manifestar-lhe a nossa gratidão.

Certamente que, no decorrer da existência da Sociedade, houve períodos de actividade mais profícua e outros de menor produtividade como, aliás, acontece em todas estas associações. Creio que todos estaremos de acordo que um desses momentos marcantes foi a edição da revista da Sociedade Portuguesa de Cirurgia, a Revista Portuguesa de Cirurgia, que inicialmente teve uma produção irregular, mas que se reiniciou de forma mais constante na presidência do Professor Fernando José de Oliveira, tendo como editor-chefe o Dr. José Manuel Schiappa. E, sem dúvida que dois outros pontos altos foram a independência da Sociedade Portuguesa de Cirurgia da



Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e a aquisição da nossa sede, onde hoje podemos estar a festejar esta efeméride. Era uma pretensão de há longos anos e que acabou por se concretizar graças aos esforços das direcções presididas pelos Drs. Alves Pereira, João Patrício, Guimarães dos Santos e Santos Bessa. Gostaria, também, de salientar a implementação da ATLS em Portugal que (como o Prof. Silva Leal referiu) veio contribuir de modo marcante para a formação dos cirurgiões portugueses, particularmente na área do trauma, o que muito se deve ao grande empenhamento e dedicação do Dr. Pedro Moniz Pereira. No próximo ano, comemoraremos o 10º aniversário da ATLS com cerimónia condigna, durante o nosso Congresso.

Creio que as palavras que o Dr. Mendes de Almeida escreveu, a rematar o artigo, “A S.P.C. Passado, Presente e Futuro”, publicado na Revista Portuguesa de Cirurgia: “Se um dia tivermos voz activa, no ensino, na formação contínua e na organização, o objectivo de uma Sociedade como a nossa, estará atingido”, definem as dificuldades que têm deixado desagradadas várias direcções. De facto não é fácil alcançar este propósito, uma vez que decorridos estes 30 anos, embora muito tenha sido feito em prol da formação dos cirurgiões nacionais, através da realização de Congressos e Reuniões, muito pouco foi conseguido no que se refere à participação da Sociedade na organização da actividade cirúrgica em parceria com outras Sociedades, com a Ordem dos Médicos e com o Ministério da Saúde. Os cirurgiões, enquanto entidade organizada, pouco ou nada têm sido escutados nas decisões respeitantes aos modelos de gestão hospitalar, de formação pós-graduada, de formação contínua, da gestão de qualidade, dos internatos e das carreiras médicas, da creditação de eventos científicos, da contratualização e da actividade científica dos cirurgiões. Só tendo uma participação mais activa a Sociedade Portuguesa de Cirurgia poderá contribuir para que o exercício da cirurgia seja oferecido com maior sentido de profissionalismo. “ Agir como profissional, significa, no dizer de Thomas Russell, que nunca estamos satisfeitos com o nosso nível actual de proficiência “ e que devemos nortear a nossa conduta pelos alicerces morais que têm sustentado a nossa profissão: “ responsabilidade, altruísmo, honra, comprometimento com a excelência, compromisso com os nossos doentes, integridade e respeito pelos outros membros da equipa de cuidados de saúde ”. Numa altura em que são correntes as avaliações do desempenho da cirurgia e as queixas de má prática, só um alto sentido de profissionalismo pode ajudar a melhorar os resultados.

Também, a colaboração com os países que nos estão ligados pela língua e pelo sangue, por laços de fraternidade, e para os quais temos fortes responsabilidades de ajuda que estão para além da ideologia política, tem sido diminuta ou, mesmo, não existente. Não podemos ignorar as dificuldades de formação profissional que atravessam. A Sociedade tem que estar disponível para, em colaboração com os Governos locais, com o nosso Ministério da Saúde e com Fundações portuguesas, participar na formação de cirurgiões desses países e, por isso, esta Direcção tudo fará para iniciar a organização dum programa de formação cirúrgica.

A projecção da Sociedade a nível internacional tem sido muito reduzida, mesmo junto dos nossos vizinhos espanhóis. Houve várias tentativas de aproximação a outras sociedades internacionais e chegou a haver colaboração na realização de eventos nacionais; mas, na prática, tem estado limitada ao convite para que cirurgiões de reconhecido mérito participem em eventos científicos no nosso país. Acreditamos que este deverá ser um salto importante que a Sociedade terá que dar, o colaborar de forma constante e estável com outras Sociedades, para que haja um reconhecimento internacional do valor científico da nossa Sociedade. Não podemos fechar-nos sobre nós próprios. Não podemos nem devemos desinteressar-nos do resto do mundo; pelo contrário devemos ter consciência do facto que outros países, outros continentes, esperam de nós iniciativas corajosas que demonstrem não



só uma vontade firme de melhoria profissional, cultural e científica, como também de disponibilidade de cooperação com países mais carenciados, contribuindo para o seu desenvolvimento e organização social.

Por último, queria englobar nesta comemoração os cirurgiões mais jovens a quem esperam tempos difíceis e pouco atractivos para o exercício da nossa profissão. A Cirurgia Geral é uma especialidade, como sabemos, com uma carreira absorvente e fatigante que requer entrega total, estudo permanente e prática constante, que só a vocação, “o desejo interior, que se sobrepõe a outras solicitações”, permite suportar com agrado. É fundamental que os mais velhos se empenhem na formação profissional, científica e cultural dos mais jovens, lhes proporcionem incentivos para que estes voltem a sentir orgulho e dêem continuidade à Escola que os formou, guardiã duma tradição cirúrgica, “... memória do essencial para estimular a criação contínua”. Hesiquios diz na Filocália que “Não são as palavras, mas sim os actos, aquilo que incita as gentes a imitar aqueles que os dirigem”.

Esta Sociedade, como já foi referido, iniciou-se com a Presidência do Prof. Doutor Joaquim Bastos. Tive a felicidade de fazer o internato de cirurgia, de me tornar cirurgião e de progredir na carreira hospitalar e na carreira académica no Serviço de Propedêutica Cirúrgica, do Hospital de S. João, no Porto, sob a direcção do Professor Bastos, e é grande a admiração e o carinho que por ele sempre senti. O Prof. Joaquim Bastos, foi um ser de excepção, dotado de forte personalidade, de nobreza de carácter, de invulgares qualidades de trabalho e dedicação ao Homem que sofre, de grande inquietude científica, possuidor dum espírito crítico agudo e de uma cultura vasta e poli facetada, constantemente preocupado com a verdade religiosa e científica numa busca do mistério que nos rodeia. Foi um universitário de eleição e um pedagogo singular. A figura de Joaquim Bastos ainda hoje é lembrada com respeito e saudade por todos quantos com ele privaram.

Por isso, escolhi para terminar um dos seus muitos pensamentos: “Se a ciência é a necessidade do espírito, se a arte cirúrgica põe o dom natural ao serviço do conhecimento, se a ética é fundamental para a postura do homem na vida, o humanismo é o mais belo pólo da actividade do cirurgião que, com ele, sente e transmite carinho e dedicação, amor e sacrifício. E sem amor não vale a pena viver”.

Agradecimento

Os Editores da Revista Portuguesa de Cirurgia, chegados ao fim do ano de 2008 com este número, vêem agradecer com reconhecimento, o trabalho esforçado efectuado por todos os Revisores que contribuíram para o sucesso científico do nosso Jornal.

Sem esse trabalho de Revisão – trabalho, difícil, stressante e de curtos prazos a cumprir – não seria possível manter a independência e o nível científico que se pretende para a nossa Revista.

Por razões que todos compreenderão, os Revisores não serão aqui nomeados, mantendo-se, como é desejado, o seu anonimato. Serão individualmente contactados para um agradecimento personalizado, mas os Editores desejaram que esse agradecimento fosse tornado público.

Os Editores da Revista Portuguesa de Cirurgia

